

## O PAPEL E O MAR: DISCURSOS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA DE SUJEITOS NEGROS

GEORGE RODRIGUES MUNIZ<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

JANAINA DE JESUS SANTOS  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

### Resumo:

Com o presente estudo, tencionamos compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros no filme curta-metragem *O papel e o mar* (Direção de Luiz Antonio Pilar, Brasil, 2010, 13'11), para mapear como são produzidos por discursos hegemônicos e práticas de resistência. Para tanto, analisamos as cenas, observando os planos cinematográficos, seus efeitos de sentidos e o acontecimento da mulher negra e do homem negro, a partir dos personagens de Carolina Maria de Jesus e João Cândido. Carolina, escritora e catadora de papel, e João, marinheiro e líder da Revolta da Chibata, dois personagens silenciados na história do Brasil. Assim, fundamentamos nos referenciais teóricos dos estudos discursivos foucaultianos e dos estudos culturais para discutir o cenário midiático, traçando uma correlação entre sujeito, gênero, raça e identidade. Na analítica arqueogeneológica foucaultiana, serão mobilizadas as noções de discurso, poder e corpo por Foucault (1987) e Veiga-Neto (1996); bem como as noções de negro, raça, gênero e identidade por Almeida (2019), Davis (2016) e hooks (2013).

1819

**Palavras-chave:** Corpo negro. *O papel e o mar*. Poder.

**Abstract:** With this study, we intend to understand the discursive constitution of black subjects in the short film *O papel e o mar* (directed by Luiz Antonio Pilar, Brazil, 2010, 13'11), in order to map how they are produced by hegemonic discourses and practices of resistance. To do so, we analyzed the scenes, observing the cinematographic shots, their effects of meaning and the event of the black woman and the black man, based on the characters of Carolina Maria de Jesus and João Cândido. Carolina, a writer and paper picker, and João, a sailor and leader of the Revolta da Chibata, two silenced characters in Brazilian history. Thus, we draw on the theoretical references of Foucauldian discursive studies and cultural studies to discuss the media scenario, tracing a correlation between subject, gender, race and identity. In the Foucauldian archeogenealogical analysis, the notions of discourse, power and body by Foucault (1987) and Veiga-Neto (1996) will be mobilized; as well as the notions of black, race, gender and identity by Almeida (2019), Davis (2016) and hooks (2013).

**Keywords:** Black body. *O papel e o mar*. Power.

<sup>1</sup> Pesquisa vinculada ao Projeto "Identidades, africanidades e corpo: tecendo teias discursivas nas mídias", desenvolvida no Programa Institucional de Iniciação Científica, da Universidade do Estado da Bahia, Edital nº018/2022, vigência 2022/2023.

## Introdução

Historicamente, a segregação de determinados sujeitos e grupos pelos discursos hegemônicos impossibilita o reconhecimento de sua contribuição social e liberdade identitária. A mídia, assim como outras estruturas racistas, é um espaço de visibilidade de relações de poder, que mostra sujeitos negros associados a lugares de subalternidade e/ou inferioridade.

Assim, o filme curta-metragem *O papel e o mar* (Direção de Luiz Antonio Pilar, Brasil, 2010, 13'11) é objeto privilegiado de pesquisa para analisar a (re)produção de discursos materializados nas linguagens imagética e verbal, para refletir sobre as dinâmicas da linguagem e do poder contemporâneas.

A abordagem teórico-metodológica de Michel Foucault, Veiga-Neto e outros autores, permite uma avaliação crítica das práticas discursivas que sustentam a representação e a identidade dos corpos negros nas mídias e do poder que opera sobre os corpos negros. Além disso, a incorporação de teorias de raça e gênero contribui para uma compreensão mais ampla das experiências desses sujeitos.

Sob uma perspectiva social, esta pesquisa contribui para abordar a presença dos sujeitos negros na sociedade e destacar a importância de valorizar e dar visibilidade a essas vozes, em resistência à histórica marginalização e silenciamento. Por meio da circulação de narrativas de luta e das análises discursivas dos recortes das mídias mencionadas, ela reconhece e valoriza esses sujeitos como participantes da história, o que tem implicações significativas na promoção da igualdade e na luta contra o racismo.

Amparados nos estudos discursivos, com bases teórico-metodológicas de Michel Foucault (1987) e Veiga-Neto (1996), identificamos o resgate de memórias, sobrevivência e desconstrução de estereótipos midiáticos como as práticas de resistência. Mobilizamos os conceitos fundamentais de discurso, enunciado, sujeito e poder. Além disso, percorremos uma abordagem teórica em relação a questões de gênero e raça, fazendo referência a pensadores culturais como Davis (2016), hooks (2013) e Almeida (2019) no que se refere ao sujeito negro e à identidade.

Nesse panorama, este estudo objetiva compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros no curta-metragem *O papel e o mar*, para mapear como são constituídos por discursos hegemônicos e práticas de resistência. Para tanto, analisamos as cenas, observando os planos cinematográficos, seus efeitos de sentidos e o acontecimento do homem negro e da mulher negra, a partir dos personagens de Carolina Maria de Jesus e João Cândido. Carolina, escritora e catadora de papel, e João, marinheiro e líder da Revolta da Chibata, os dois, silenciados da

história do Brasil. Diante do apagamento do sujeito negro da história, problematizamos: como os sujeitos negros mostrados no curta-metragem são constituídos discursivamente?

Visando atingir tal objetivo, este artigo está organizado em cinco momentos, sendo o primeiro de cunho teórico, no qual são exploradas as noções de poder, discurso, enunciado, identidade, corpo e racismo; o segundo aborda o caminho percorrido na pesquisa; em seguida, realizamos a análise dos recortes do filme; e, por fim, apresentamos as conclusões. Passamos, então, aos fundamentos teóricos.

### Reflexões teóricas

Nesta seção, esboçamos a sustentação teórica da pesquisa, transitando entre as noções foucaultianas de poder, discurso, enunciado; e as noções dos estudos culturais sobre identidade e racismo.

A passagem histórica de tempo é marcada por acontecimentos influenciados por relações de poder sempre flutuantes, que ordenam discursos e corpos nas estruturas sociais. Nesse sentido, não interessam indivíduos, mas sim contínuos dominados, tornando um meio fracionado e que, por isso, nos subdivide a nós próprios ao passo que nos tornamos racionais (Veiga-Neto, 1996).

Assim sendo, o discurso produzido em enunciados reafirma as relações de poder por meio do dispersar de histórias e realidades e o desequilíbrio de forças de alguns grupos étnicos, especialmente os sujeitos negros. Como afirmado por Foucault (1987, p. 164) “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’.” O poder opera estrategicamente sobre todos os indivíduos e os constitui em sujeito para se atuar como uma engrenagem na ordem do discurso.

Assim, os discursos são alvo de disputa como aquilo que faz as relações de poder reverberarem na constituição dos sujeitos; transitam por todos os âmbitos sociais com uma duração singular; e, também, são materializados em enunciados nas diversas linguagens. Nas palavras de Foucault (1996, p. 107):

[...] inquietação face àquilo que o discurso é na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação face a essa existência transitória destinada sem dúvida a apagar-se, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação por sentir nessa atividade, cotidiana e banal porém, poderes e perigos que sequer adivinhamos; inquietação por suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, das dominações, das servidões que atravessam tantas palavras em cujo uso há muito se reduziram as suas rugosidades.

Desse modo, pensar como os discursos ordenam a sociedade, é pensar na relação entre poder e saber. O discurso é um elemento central nessa ligação, visto que o poder é produzido pelo saber e *vice-versa*, e não há como dissociá-los. Logo, recai sobre o sujeito negro a exclusão dos discursos, dos saberes e dos poderes, sendo relegado a papéis subalternos ou apagados.

A regularidade discursiva presente nos enunciados sobre os sujeitos negros os coloca em eixos que os projetam como um objeto, “[...] ao mesmo tempo, dos saberes, dos poderes e da ética” (Veiga-Neto, 1996, p. 183). Essa objetificação perdura secularmente, são discursos hegemônicos materializados em enunciados reverberados e reproduzidos na sociedade. Entendemos, consoante Foucault, que não existe enunciado de forma isolada, mas está internamente relacionado a outros enunciados e, assim, “[...] evoca outros, com os quais dialoga, e transcende a inscrição em uma formação discursiva determinada” (Fernandes, 2005, p. 65).

Mesmo diante de muitas mudanças sociais e de ampliação dos modos de existência de alguns homens e mulheres negros, os enunciados referentes a eles não acompanham tal transformação, num movimento contrário ao “[...]reconhecimento da homogeneidade e da heterogeneidade, respeitando e valorizando a sua pluralidade e diversidade de pensamento, ideias, opinião, culturas” (Borges, 2012, p. 142), os discursos tornam-se material de desconstrução do saber estabelecido e, por isso, contesta e desafia representações dominantes.

Diante disso, as práticas de resistência, fruto de movimentos coletivos pela pluralidade desses sujeitos, contrapõem os discursos hegemônicos que atingem a todos em nível microscópico. Trata-se de perceber a ordem do discurso e traçar estratégias e técnicas para transformar e criar discursos, para incluir o povo negro no mundo, nas produções audiovisuais e na completude de suas subjetividades (Borges, 2012).

Os discursos estabelecidos para esses corpos provem de um racismo que, conforme Almeida (2019), é tanto estrutural quanto individual e institucional. Na perspectiva do autor, o racismo é individual, pois é percebido como uma forma de anormalidade ou "patologia"; é institucional, pois é “[...] tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuarem uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (Almeida, 2019, p. 25-26); e, por fim, é estrutural, uma vez que é uma discriminação enraizada nas estruturas fundamentais da sociedade, que se manifesta “[...] do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até

familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (Almeida, 2019, p. 31).

Adotamos a perspectiva do corpo como superfície de discursos, que é moldado, construído, recortado e sujeito a discursos diversos e separado de si mesmo para melhor desempenhar um papel pré-estabelecido. Estabelecemos diálogo com o estudo de raça, gênero e mídia e a representação do sujeito negro na sociedade, entendendo como a estrutura social é tecida por manifestações racistas que são reproduzidas nos meios de comunicação, compreendendo o quanto “comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (Almeida, 2019, p. 31).

À vista disso, tomar os estudos culturais como alicerce de uma formação necessária para entender a atualidade e pensar nas práticas de racismo, é uma forma não só de entender sistemas de hierarquização de sujeitos, como também como constitui corpos e existências e sua circulação nas grandes mídias.

Nessa perspectiva, partimos para as sinalizações metodológicas que operacionalizam as noções expostas, a fim de compreender as identidades do corpo negro enquanto sujeitos que permanecem sendo representados por referências do passado e com uma concepção “[...] colonialista e eurocêntrica que não cessou de fornecer os elementos para a representação dos grupos historicamente discriminados” (Borges, 2012, p. 188).

1823

### **Percurso metodológico**

A pesquisa se delinea nos pressupostos teóricos-metodológicos foucaultianos, compreendendo, em um primeiro momento, a discursividade presente nos fragmentos cinematográficos e a constituição dos sujeitos negros por meio da análise das cenas, planos de fundo e cores, e, partindo do método da analítica arqueogenealógica, examinando as relações de poder representadas no curta *O papel e o mar*. Buscamos compreender os discursos que produzem esses sujeitos, por meio de pistas nos enunciados das mídias. Entretanto, destacamos que “[...] a leitura é feita pela exterioridade dos textos, sem entrar propriamente na lógica interna dos enunciados, mas procurando estabelecer as relações entre esses enunciados e aquilo que eles descrevem” (Veiga-Neto, 1996, p. 189).

Para tanto, o critério utilizado para os recortes do filme foi, inicialmente, a leitura em sua totalidade, considerando a narrativa e os personagens; depois, a decomposição em enunciados menores como som e imagem de cenas que destacam a constituição do corpo negro.

Logo, exploramos sons e imagens, que emolduram a existência dos sujeitos Carolina e João, no curta-metragem. Seguimos para o terceiro momento, em que apresentamos os resultados e sua discussão.

### **Carolina e João: histórias para não apagar**

Nos fragmentos do filme *O papel e o mar*, consideramos os dois personagens e o apagamento e a marginalização dos corpos negros. A obra cinematográfica parte de uma narrativa fictícia que permite o encontro de duas imagens relevantes para a história do Brasil: João Cândido, ex-militar brasileiro que combateu os castigos ao seu povo na Marinha Brasileira, no ano de 1910, no Rio de Janeiro, movimento conhecido como Revolta da Chibata; e Carolina Maria de Jesus, catadora de papel, mãe solo, que estudou até a segunda série do ensino fundamental, se tornou poetisa, cantora, compositora e escritora, famosa por seu primeiro livro, *Quarto de Despejo* (1960), de gênero autobiográfico.

Nas cenas iniciais, os personagens se encontram em um espaço fora de seus contextos, no centro de Niterói – Rio de Janeiro. Lugar alicerçado sobre um poder-saber que ratificam a marginalização de seus corpos, deixando-os à mercê da subalternização e da marginalização. Carolina trabalha informalmente andando pela cidade a procura de papel e com seu caderno em mãos. A cena inicial é composta por um enquadramento aberto que permite vê-la se deparando com um cesto de lixo em uma viela e o centro silencioso, como observado na captura de tela abaixo:

1824

**Figura 1: O encontro de Carolina e João Cândido**



Fonte: Fotograma capturado do filme “*O papel e o mar*” (2010), disponível no Youtube<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM&t=571s>. Acesso em: 20 mar. 2024. Imagem 1: 0:58. Imagem 2: 1:39.

A exibição de placas de logradouros situa inequivocadamente que se trata do centro da cidade e, no canto esquerdo, vemos um acúmulo de lixo, permitindo entender que esse lugar foi destinado para depósito de lixo e não para as pessoas. Em plano aberto, Carolina aparece ao fundo do cenário, no mesmo espaço em que o João aparece sentando em um banco, ao lado de um carrinho de material reciclável. A cena acontece logo nos instantes iniciais, quando os créditos ainda são apresentados. Percebemos que a estratégia de câmera, determina toda a composição do quadro, “[...] – o ponto de fuga da perspectiva é, neste aspecto, decisivo e ilustrativo” (Nogueira, 2010, p. 16). Logo, confirmamos essa produção de sentido de abandono e, ao mesmo tempo, acolhimento para as classes sociais que dependem financeiramente desses lugares para coletar parte de seu sustento, no caso dos personagens que são catadores de latinha e papel.

Em conformidade com Borges (2012), pensarmos como os sujeitos são produzidos em imagens, pois as referências identitárias do sujeito negro são exploradas de maneira estereotipada e pejorativa, dando maior destaque aos discursos hegemônicos que (re)produzem o campo da ignorância, da violência e posicionamentos socioeconômicos de inferioridade. As relações de poder operam com o saber-poder e difundem pelas mídias elementos colonialistas e escravistas, de modo que ao ser retratado o sujeito negro é enquadrado nos papéis historicamente cristalizados, “fazendo com que a fórmula de sucesso sempre reapareça e mantenha o negro aprisionado em imagens desumanizantes” (Borges, 2012, p. 198).

No desdobrar da cena, Carolina se aproxima do lixo, pega uma latinha, mas, ligeiramente, a devolve para o cesto. Momento esse em que João Cândido questiona:

- Você está deixando passar um bom dinheiro! (*O papel e o mar*, 2010).

Uma vez que a coleta e a venda de material reciclável são fonte de seu sustento, João insiste em dizer que o que pode ofertar dinheiro para ela é a latinha, ao que Carolina se opõe:

- Meu negócio é papel! (*O papel em mar*, 2010).

O enunciado deixa exposto o interesse de Carolina pela procura de papel e, conhecendo a história da escritora, a evasão escolar, bem como as lacunas sociais que ela preenchia a partir de seu diário intitulado *Quarto de Despejo*, fica explícito o motivo da escolha do papel e da

companhia do caderno, tão valiosos quanto a latinha o é para João. Para Carolina, a busca por papel é um ato político, pois a escrita lhe foi negada e, a partir de práticas de resistência aos discursos e poderes, ela se apropria da escrita e se inscreve na história por meio de suas escritas e especialmente por meio de sua autobiografia. Podemos ir além e afirmar que o papel e a escrita, enquanto prática de resistência, “são convertidos em alimentos de seu corpo e de seu espírito” (Gonçalves, 2014, p. 24).

Ela, para além disso, perpassa pelo patriarcalismo, principalmente ao se tratar das falas de João. Fora da ficção, a personagem foi mãe solo de três filhos e narrava sobre a miséria e a vida na favela, é uma voz que resiste em meio a interrupções e que criou maneiras de (re)existir e se inscrever em horizontes antes inimagináveis a sujeitos em suas condições. Uma mulher, sobretudo preta e favelada, escrever sobre seu cotidiano e precariedade em meio a um contexto tomado por homens e escritores brancos é resistir. Sobre isso, Santos (2014) aponta que “[...] o discurso das obras de Carolina descreve e relata vividamente uma experiência própria, representativa que enfatiza não apenas sua vida, mas também a experiência de uma identidade coletiva marcada pelo ser negra, mulher, pobre”.

Após Carolina declarar a preferência pelo papel e continuar sua procura, João, ainda acompanhado de seu carrinho de reciclagem, a segue até uma praça bastante movimentada, ainda no centro da cidade:

1826

**Figura 2: João questiona Carolina**



Fonte: Fotograma capturado do filme “*O papel e o mar*” (2010), disponível no *Youtube*.

O cenário é composto por pessoas saindo do trabalho de volta para casa e/ou indo ao trabalho e outros âmbitos sociais devidamente uniformizados e arrumados, causando um conflito em que, por meio das próprias árvores, há uma divisão entre aqueles socialmente incluídos, por meio do emprego, e os protagonistas, sem trabalho formal andando pelas ruas da cidade. Assim, nesse cenário “[...] os elementos organizam-se em volta de um ponto central que, de forma mais ou menos vincada, determina toda a composição [...]” (Nogueira, 2010, p. 16), de modo que os enunciados ao redor da escritora e do marinheiro os produzem e são produzidos como sujeitos, determinando-lhes sentidos de inferioridade socioeconômica. Concernente a isso, Moreira (2019, p. 171) assevera que “[...] uma sociedade que permite a circulação de discursos que negam a humanidade de um grupo de pessoas, permite que eles possam ser discriminados, segregados e exterminados porque propaga a ideia de que eles não são merecedores de empatia”.

Presente no fotograma, João Cândido acata a relutância de Carolina e diz que “só estava querendo ajudar” (*O papel em mar*, 2010), e apontando para o lado esquerdo, afirma que “o meu negócio era o mar” (*O papel em mar*, 2010). E o mar surge na vida de João quando o próprio se vê completamente às margens, mesmo ocupando um lugar na Marinha do Brasil. Assim, o personagem tem o mar enquanto diegese, pois aquilo que é somente uma extensão de água para muitos, produziu parte de sua história da qual ele sente orgulho, mas que foi apagada/diminuída na história. Sujeito negro, em meio a um sistema institucional racista, cenários de segregação e aniquilação de seu povo, entregou-se à luta denunciando a violência que os seus companheiros de cor sofriam no ambiente de trabalho.

O motim liderado por ele foi um movimento pelos direitos humanos que contou com dois mil e trezentos marinheiros (Arias-Neto, 2003), ficando conhecido como Revolta da Chibata<sup>3</sup>- como o próprio nome propõe, reivindicava-se o fim das chibatadas como punição. O feito, enquanto prática de resistência, foi um manifesto na instituição da marinha contra as práticas de racismo, que punia com severidade os corpos negros.

---

<sup>3</sup> "Relatos contam que, pouco antes da revolta, durante uma viagem nas proximidades da costa chilena, os marujos haviam demonstrado insatisfação com a punição dedicada a um marujo. O estopim para o início da revolta ocorreu quando Marcelino Rodrigues Menezes foi punido com 250 chibatadas sem direito a tratamento médico. Sobre a Revolta da Chibata, é importante considerar que ela não foi fruto apenas da insatisfação dos marujos com os castigos físicos. Os marujos, em geral, eram originários de famílias pobres, que sofriam com a desigualdade social existente na Primeira República. Assim, a Revolta da Chibata é considerada pelos historiadores também como uma revolta contra a desigualdade social e racial existente tanto na Marinha como na sociedade como um todo." REVOLTA da Chibata: causas, objetivos, consequências - Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolta-chibata.htm>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Nesse sentido, concordamos com Almeida (2019, p. 35) ao afirmar que os sujeitos “brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos. Pessoas brancas não são ‘suspeitas’ de atos criminosos por sua condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da pele”. No entanto, o corpo preto é subordinado por discursos de poder, que estabelecem os saberes e promovem ‘práticas divisórias’ que fragmentam o sujeito, quer seja no âmago, quer seja em ligação aos outros (Foucault, 1988).

Assim, a imagem de Carolina Maria de Jesus e João Cândido, na história tradicional, foi parcialmente apagada por um sistema racista. Marginalizando-os, retirando suas (re)existências dos anais e os relegando reiteradamente a esferas que romantizam a desumanização, inclusive na mídia. Carolina Maria de Jesus, escritora, e João Cândido, “um dia chamado Almirante Negro” (*O papel em mar*, 2010), por breves momentos, mas sempre negros, favelados, catadores e destituídos de sua identidade étnico-racial.

Em vista disso, é fato que as existências desses sujeitos negros

[...] destinados a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmática – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder (Foucault, 2003, p. 4).

1828

Os discursos manifestos movimentam vidas, bem como eliminam-nas efetivamente dos anais (Foucault, 2013). João e Carolina, em uma construção alicerçada por discursos excludentes, são diferentes em gênero, mas semelhantes no que concerne à discriminação racial diante [...] de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (Almeida, 2019, p. 24).

Na história, os corpos negros são invisibilizados como “[...] vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos [...]” (Foucault, 2003, p. 6). São homens e mulheres, cujos registros acontecem tecidos pelo acaso, mas também por práticas de resistência que agigantam sua existência e de seu povo.

Assim sendo, o ordenamento dessas existências se dá pelo racismo que “[...] constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional.” (Almeida, 2019, p. 41-42). A constituição dos sujeitos é perpassada pelo processo de ocupação de determinados espaços

constituídos por relações de poder, que não se aplica aos indivíduos, mas passa por eles (Veiga-Neto, 1996).

Nessa perspectiva, o apagamento da memória ancestral e a marginalização de sujeitos negros, "[...] ainda majoritariamente fora de espaços de poder" (Davis, 2016, p. 16), extingue os saberes de existências, lutas, conquistas e, sobretudo, de atos de resistência. Sobre isso, são elucidativas as palavras da autora, que ressalta que "em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais" (2016, p. 38).

### Considerações

Mobilizamos as noções foucaultianas para conceber as cenas como enunciados que materializam discursos por meio de sons e imagens, e para articular a produção discursiva com as relações de poder que hierarquizam os sujeitos. Igualmente, tomamos as noções de identidade e racismo dos estudos culturais.

Partimos para o exercício analítico, quando recortamos e descrevemos as cenas de *O papel e o mar*, observando a produção de sentido nos planos cinematográficos e o acontecimento do homem negro e da mulher negra, a partir de Carolina Maria de Jesus e João Cândido. Considerando a representação da identidade negra na mídia e a disparidade com o ambiente do centro urbano, primeiramente, observamos que os cenários diminuem suas existências e marginalizam seus corpos; em seguida, destacamos que o uso do papel e do mar compõem práticas de resistência na existência da escritora e do almirante, mas, também, imposições históricas do racismo estrutural aos corpos negros subalternizados secularmente.

Pensamos Carolina Maria de Jesus e João Cândido como sujeitos discursivos e produtores de narrativas. Tradicionalmente, sua constituição sócio-histórica é marcada pelo silenciamento de suas vozes, pela negligência de suas identidades, pelo aprisionamento em um passado colonial, que ainda reverbera discursos racistas e excludentes. Percebemos como eles são constituídos por discursos hegemônicos que relegam os corpos negros à subalternidade e apagamento, bem como mapeamos suas práticas de resistência na relação com o papel/escrita e o mar/revolta.

Portanto, compreendemos a constituição discursiva dos sujeitos negros no curta-metragem *O papel e o mar* como um lugar de resistência aos discursos hegemônicos, em que eles afirmam e sustentam sua existência e seus feitos, ocupando seu espaço na história.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane da Silva. **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 27 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos avançados**, v. 27, p. 113-122, 2013.

FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder-saber: Ditos e escritos IV. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, p. 203-222, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola, 1996.

1830

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). **Horizontes Antropológicos**, v. 20, p. 21-47, 2014.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAPILAR PRODUÇÕES ARTÍSTICAS. **O Papel e o Mar**. [vídeo online]. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM&t=99s>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

NETO, José Miguel Arias. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. **Historia oral**, v. 6, 2003.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema III: Planificação e Montagem**. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

SANTOS, Zuleika Virgílio dos. O desafio de Carolina Maria de Jesus: da invisibilidade à escritora de Quarto de Despejo e Diário de Bitita. 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A ordem das disciplinas. Porto Alegre: UFRGS, 1996**. 1996. Tese de Doutorado. Tese.(Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



George Rodrigues Muniz

Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB, Bolsista Iniciação Científica CNPq no Programa Institucional de Iniciação Científica, da Universidade do Estado da Bahia, participante do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB; [munizgeorg1@gmail.com](mailto:munizgeorg1@gmail.com); <http://lattes.cnpq.br/9833603794407449>;

<https://orcid.org/0009-0008-8681-5599>.



Janaina de Jesus Santos

Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB, líder do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB, atua no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade- PPGEL e no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL/UESB; [jjsantos@uneb.br](mailto:jjsantos@uneb.br);

<http://lattes.cnpq.br/4544276128135109>; <https://orcid.org/0000-0002-8888-6592>.